

A identidade de Portugal em Cardoso Pires e Saramago

FRANCISCO COSTA
Especial para a Folha

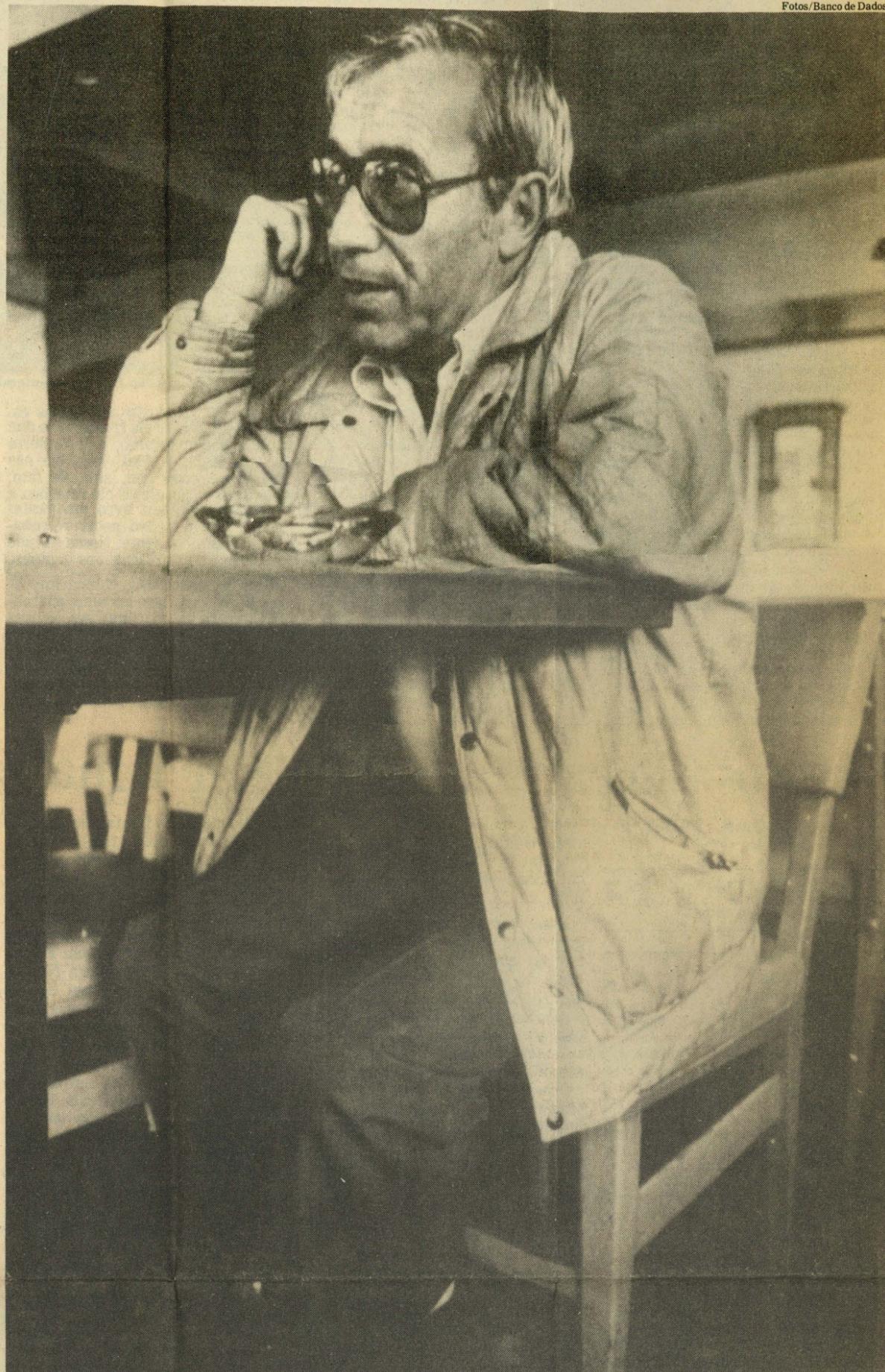
Escritor virá à Folha na terça

Da Redação

O escritor português José Cardoso Pires, que chega hoje em São Paulo, estará na Folha na próxima terça-feira, dia 18, às 19h30, para um debate no auditório do jornal (al. Barão de Limeira, 425, 9º andar). Participarão do evento as professoras Maria Aparecida Santilli e Marli-se Vaz Ambrogi, além do escritor e cineasta João Silvério Trevisan. Cardoso Pires vem ao Brasil a convite do Instituto do Livro Português.



José Saramago em visita ao Brasil



José Cardoso Pires, autor de "Alexandra Alpha", romance que está sendo lançado no país pela Companhia das Letras

ALEXANDRA ALPHA, de José Cardoso Pires. Companhia das Letras. 368 págs. Cz\$ 6.600,00.

O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS, de José Saramago. Companhia das Letras. 416 págs. Cz\$ 6.300,00.



Com a chegada a São Paulo do escritor português José Cardoso Pires, para o lançamento de seu último romance, "Alexandra Alpha", um circuito feliz e sólido voltará a se restabelecer, de fato e de forma: a literatura portuguesa, que durante anos viveu um quase completo ostracismo no país, voltará a ter seu "status" reconhecido e não mais baterá à porta, aqui, com os ares de dúvida do convidado incerto quanto à intenção do anfitrião, como até há bem pouco acontecia. Isso porque neste outubro, além deste já clássico "Alexandra", chega outro livro de José Saramago (seu "Jangada de Pedra", lançado ainda este ano, frequentou durante semanas a lista dos best-sellers). Desta vez, é "O Ano da Morte de Ricardo Reis", de 1984. Os dois volumes atacam sob a chancela da editora Companhia das Letras.

Antes que 88 acabe, três portugueses internacionalmente conhecidos terão passado por aqui: o próprio Saramago, a dama Agustina Bessa-Luis (que esteve na Bienal do Livro) e Cardoso Pires. Para Borges, o "três" é um número especial demais para ser lido como "coincidência". Com ou sem cabalações a sorte é do leitor destas plagas, pois nem só de Eça de Queiroz vive a prosa portuguesa.

Mesmo o autor de "Alexandra Alpha" não é inédito no Brasil. Dois de seus melhores livros ("O Delfim" e "A Balada da Praia dos Cães") já mereceram a atenção da editora Civilização Brasileira. Cardoso Pires, que na juventude foi considerado o "enfant terrible" da literatura portuguesa é um estilista de talento incomum. Surgiu no cenário português em 1949 com o livro "Os Caminheiros e Outros Contos", e pertenceu, num primeiro momento, ao grupo lá conhecido como "neo-realista" (ao lado de Augusto Abelais e Orlando Costa), uma estética fortemente influenciada pelo romance regionalista da geração de 30 brasileira (Graciliano Ramos, José

Lins do Rego e Jorge Amado à frente) e que absorveu definitivamente o dado sociológico.

Mas mesmo entre os neo-realistas portugueses permaneceu um certo ranço lírico, contra o qual se voltou violentamente Cardoso Pires, um caso radical de "não" ao bom-mocismo. Este senhor de 63 anos e que se diz hoje "um bom futebolista de bancada", foi buscar na forma a matéria de sua alquimia. Aveso ao "episódio pelo episódio", no seu texto normalmente o "que" está acontecendo é muito menos importante que o "como está acontecendo". Em 1968 ele atingiu um momento excepcional em sua obra com a publicação de "O Delfim" ("antes de tudo, uma realização esteticamente bem consumada", como bem observou na época o crítico Franklin de Oliveira). Articulando com uma "economia verbal" exemplar, o que ele tematizou ali foi o canto do cisne da aristocracia rural lusitana. Em 82, com "A Balada da Praia dos Cães", fez do romance policial uma obra de arte (que se tornou um best-seller: 130 mil exemplares vendidos, e depois adaptado ao cinema, foi sucesso de bilheteria em Portugal e Itália).

Com "Alexandra Alpha", outra guinada: o equilíbrio, o episódio não mais relegado a um segundo plano, mas palavra e ação dividindo as forças e se compensando. O livro, que a princípio causou espanto à crítica portuguesa, logo após recebeu uma efusiva acolhida de público e já vendeu mais de 60 mil exemplares, desde que foi lançado em novembro passado. Porque os portugueses, neste seu "Alexandra", aí não conseguiram se reconhecer, estranharam a imagem no espelho. Como também não reconheceram, a princípio, a sua cidade, Lisboa, toda ela uma emaranhada e anuviada periferia.

Em entrevista, na época, Cardoso Pires afirmou: "O que pretendi, fundamentalmente, foi discutir aquilo que se chama o português, a

identidade do português e como ele supera os mitos de identidade". Como todo grande escritor, é também cruel e perverso. Sua Lisboa é uma projeção holográfica degradada, o homem de seu país é um simulacro, a cor de Portugal em "Alexandra Alpha" é crepuscular. Este ritmo de "Bar Crocodilo", que é onde acontecem as noitadas de Alexandra e seu grupo de amigos (uma fauna debilitada) só será cortado com o episódio que em 48 horas pôs abaixo toda a carcomida máquina colonialista portuguesa (chefiada por quase trinta anos pelo "Dinossauro Salazar"), pelo 25 de Abril de 1975, quando se deu a Revolução dos Cravos. As páginas que narram a volta da alegria ao coração do povo português seriam o suficiente para que "Alexandra Alpha" fosse lido, no mínimo, com interesse. O público português aderiu ao livro, da mesma forma que antes aderiu ao 25 de Abril: incrédulo a princípio, feliz depois.

"O Ano da Morte de Ricardo Reis", de Saramago, se por um lado não chega a ser excepcional (se cotejado, por exemplo, com "A Jangada de Pedra" e "Memorial do Convento"), tampouco deixará a desejar. Tem como atração irresistível o personagem principal, Ricardo Reis, o heterônimo que irrompia no bardo Fernando Pessoa volta e meia, a celebrar em odes magníficas o belo tema poético do "carpe diem" (curte o dia). Como se não bastasse a sacada de Saramago, o próprio espectador de Fernando Pessoa visita o texto várias vezes. Um exercício de sideração à Saramago. Um ponto de convergência deste

livro com "Alexandra Alpha": Salazar. Se "Alexandra" descreve o fim do salazarismo, no "Ano da Morte" o palco será justamente o início do drama, 1936, quando o "Dinossauro Excelentíssimo" subia ao poder. Neste ano, o médico monarquista íntimo das musas, Ricardo Reis, cumprindo seu exílio voluntário no Brasil, recebeu um telegrama de Alvaro de Campos comunicando-lhe a morte de Pessoa. Volta Ricardo Reis, de navio, a Lisboa, sem saber muito bem com que intuito. Chega e fica. É um filósofo da inércia o nosso

homem. Vive a melancolia da impossibilidade da ação. E mais do que isso: o genial urdidor das odes é um canastrão ("sensaborão", diriam lá). Uma personagem inteira, Lídia, criada de hotel e por quem ele se apaixona, se encarregará de trazer o calor necessário ao texto de Saramago.

Dois portugueses pela mesma editora neste mês de fado. Mas de forma alguma é possível que além destes escritores não há outros contemporâneos com bons títulos nesta praça. A Nova Fronteira tem

pelo menos dois livros de um escritor do porte de Almeida Faria ("O Cavaleiro Andante" e "A Paixão"), além de outro de Agustina, "A Sibila". E a Marco Zero, em 84 lançou "Os Cus de Judas" (título danado, gritam os puristas), do pesado Antônio Lobo Antunes, já editado na França, Alemanha, Holanda e EUA (a mesma editora está preparando outro livro deste autor, possivelmente o badalado "Fado Alexandrino").